

ENERGIA & SANEAMENTO

PESQUISA

Políticas energéticas ameaçam a paz

Os entrevistados preocupam-se também com danos à economia e ao meio ambiente

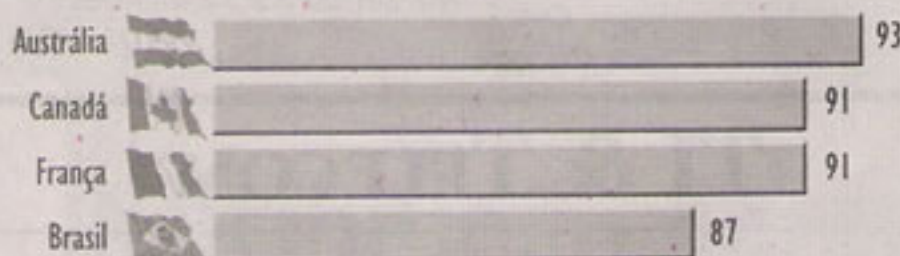
GABRIEL DE SALES
SÃO PAULO

As políticas energéticas dos governos são danosas ao meio ambiente, desestabilizadoras da economia global e ameaçadoras da paz mundial. Para superar esses aspectos negativos, os governantes deveriam incentivar o uso e a geração de fontes renováveis de energia mediante redução de impostos e elevar os padrões de eficiência no consumo de combustíveis pelas frotas de veículos. Esta é a conclusão de uma pesquisa encomendada pela rede BBC ao instituto canadense GlobeScan, e realizada junto a 18.779 pessoas de 19 países, inclusive o Brasil, para ser divulgada durante a reunião do G-8 neste fim de semana, em São Petersburgo, na Rússia.

O levantamento mostra que de cada dez cidadãos, oito (81%) estão preocupados com as ameaças ao meio ambiente e ao clima resultantes da maneira atual com que os países produzem e consomem energia. Grã-Bretanha, Austrália, Canadá e Coreia do Sul são os países cuja po-

INVESTIMENTOS EM FONTES ALTERNATIVAS

(Países cujas populações mais endossam a iniciativa - em %)



DEFESA E ATAQUE

(Países que mais apoiam e os que mais rejeitam a utilização da energia nuclear - em %)

▶ Apoiam		▶ Rejeitam	
Índia	66	Ucrânia	67
Egito	65	Alemanha	63
Quênia	65	Rússia	60
Coreia do Sul	65	França	57

Fontes: GlobeScan e Market Analysis

pulação se mostra mais apreensiva em relação ao impacto negativo das políticas energéticas, sobressaindo-se, entre estes os ingleses, dos quais mais de 90% admitem estar preocupados.

Três em cada quatro cidadãos (77%) acreditam que os apagões energéticos e a elevação dos preços do setor tornarão as economias mais frágeis e instáveis, proporção bem próxima (73%) à dos que avaliam que a competição por mais energia levará a nova crise mundial e à possibilidade de novos conflitos entre as nações.

A desestabilização da economia como resultado de crises de energia encontra nas Filipinas o maior índice de preocupação (95%) e o menor (apenas 48%) na Rússia, país que tem

se beneficiado da disparada dos preços do petróleo e do gás.

O apoio a incentivos fiscais para promover o desenvolvimento e uso de energias alternativas, como solar e eólica, é recorde na Itália (95%), seguido pela Austrália (93%), Canadá (91%) e França (91%). Italianos e australianos são também os que mais apoiam a criação de novos parâmetros pelo governo no sentido de exigir das montadoras de carros soluções eficazes no uso de combustível, mesmo que isso signifique aumento de preços.

Um aumento nos impostos para incentivar a conservação conta com o endosso de quase quatro em cada dez entrevistados (37%). Os ingleses são os maiores incentivadores dessa

opção (62%), seguidos pelos australianos (61%).

Os entrevistados manifestaram-se apreensivos com a possibilidade de os principais fornecedores, especialmente Irã, usarem a energia como arma política e cancelarem o suprimento em caso de agravamento de crises como a desencadeada pelo programa nuclear iraniano. A opinião pública em 17 dos 19 países consultados está inclinada a desconfiar do Irã como fornecedor. As duas exceções são o Egito e a Índia. As visões sobre a Rússia estão divididas: 45% confiam no país como fornecedor, enquanto outros 45% desconfiam.

Enquanto as fontes alternativas contam com ampla simpatia, a energia nuclear conta com pouco apoio, segundo a pesquisa da BCC. Apenas metade (49%) da opinião pública é favorável ao seu uso como estratégia para reduzir a dependência do petróleo e do carvão. Indianos (66%), egípcios (65%), quenianos (65%) e sul-coreanos (65%) são os que mais apoiam a energia nuclear, enquanto os ucranianos (67%) são os principais opositores, índice justificado por terem vivido a tragédia de Chernobyl, em 1986.

Alemães, russos e franceses também são majoritariamente contra: 63%, 60% e 57%, respectivamente.

Brasil segue tendência, "Todos perdem, seja em países ricos ou pobres"

Os brasileiros, de uma maneira geral, seguem a tendência constatada nos demais países, embora em alguns itens as diferenças percentuais sejam maiores. Enquanto existem países em que mais de 90% da população está apreensiva com o impacto negativo das políticas energéticas, no Brasil a proporção é de 79,6%. No item sobre as consequências da competição entre países por energia sobre a paz mundial, 73,5% dos brasileiros mostraram-se preocupados.

O apoio a incentivos fiscais para promover o desenvolvimento e uso de energias alternativas, apesar de inferior ao da Itália, Austrália, Canadá e França, é elevado no Brasil, chegando perto de 87%. Quanto a fixação de novos parâmetros pelo governo no sentido de exigir das montadoras de veículos soluções eficazes no uso de combustível, mes-

mo que isso signifique aumento de preços, o apoio situa-se em 67%, ficando abaixo da média mundial, de 80%.

Os brasileiros incluíram a Venezuela entre os países pouco confiável no fornecimento de energia. Somente 14% acreditam que o governo do presidente Hugo Chávez não praticará nenhuma chantagem ou interrupção no fornecimento de energia para o mundo, percentual quase idêntico à percepção em relação à Rússia e levemente mais baixo do que se tem da Arábia Saudita e do Irã.

Brasileiros junto com os poloneses lideram o movimento oposto ao aumento de impostos para incentivar a conservação de energia.: quase nove em cada dez (87%) não querem saber de novos impostos.

A oposição à energia nuclear também não é acentuada no Brasil, onde uma leve maioria, de 53,5%, se opõe à sua utilização como fonte energética.

(G.S.)

Na opinião de Fabián Echegaray, diretor da Market Analysis, empresa que conduziu a pesquisa no Brasil, os dados mostram que é urgente a necessidade de se promover uma mudança no modelo de produção e uso de energia, já que o mundo o enxerga como fonte de guerras, crises econômicas e desastres ambientais. "Ele é visto como uma proposta onde todos perdem, em todos os terrenos relevantes à vida das pessoas, seja em países ricos ou pobres".

"O consenso sobre a inviabilidade de continuar com o modelo atual é notável. Há uma grande expectativa de que o G-8 dê passos concretos para uma solução", comenta Echegaray, ao lembrar que "em outras épocas preços altos da gasolina ou risco de apagão preocupavam pelo impacto financeiro ou produtivo." "Hoje -- ressalta --

as pessoas vinculam esses problemas a valores que vão além do material, como ameaças ao meio ambiente e à qualidade de vida."

No Brasil, foram entrevistados 800 adultos nas oito principais capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre, Curitiba e Brasília), ao longo de junho de 2006. Nos outros 18 países, o estudo foi coordenado pela GlobeScan.

Ao todo, foram ouvidas 18.779 pessoas, em maio e junho de 2006. Além do Brasil, participaram Alemanha, Austrália, Canadá, Chile, Coreia do Sul, Egito, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã Bretanha, Índia, Israel, Itália, México, Polônia, Quênia, Rússia e Ucrânia.

(G.S.)



Fabián Echegaray